



BATALHA DE GETTYSBURG

O Poder de um Testemunho

ROBERTO KEDOSHIM

Na terça-feira da semana passada, 10, algumas igrejas cristãs dos Estados Unidos relembrou um episódio inesquecível na história daquele país. Naquele dia transcorreu-se o 144º aniversário da morte de um jovem chamado Charlie Coulson. Voluntário na Guerra Civil Americana, Coulson foi ferido mortalmente num dos mais famosos enfrentamentos bélicos daquela que é hoje reconhecida como a maior potência militar do mundo.

Denominada A Batalha de Gettysburg, o confronto ocorreu entre os dias 1º e 3 de julho de 1863 quando os exércitos confederados do general Robert E. Lee, foram derrotados pelas tropas da União comandadas pelo general George G. Meade.

Estima-se que entre mortos e feridos, cerca de cinquenta mil homens foram atingidos nessa batalha. Algumas coisas tornaram Gettysburg especial. Primeiro, o fato de que foi em Gettysburg que nasceu a Guerra Moderna. Pela primeira vez na história da humanidade uma guerra foi travada de forma industrializada, ou seja, as armas foram fabricadas em série por equipamentos e máquinas operatrizes desenvolvidas especificamente para este fim.

Outra particularidade da Batalha de Gettysburg é que o transporte ferroviário dispôs de novos equipamentos armados e blindados construídos para o deslocamento de tropas com mobilidade e velocidade. Em Gettysburg foram testados novos métodos de destruição e as estratégias postas em marcha visavam atingir a maior quantidade possível de inimigos através da mutilação e da morte. As bombas e granadas de fragmentação recém desenvolvidas atingiram um grau de eficiência e danos à tropa inimiga até então jamais concebido. O rifle de repetição rápido Spencer foi testado e utilizado em larga escala.

Foi dentro desse cenário devastador que Charlie Coulson registrou uma das mais belas páginas de testemunho pessoal de um cristão. Dez anos depois, um médico que trabalhou no socorro dos milhares de feridos em Gettysburg descreveu o encontro que teve com Charlie num livreto impactante: "The Drummer Boy" (O Garoto do Tambor).

Em homenagem ao quase sesquicentenário do episódio, INFORMISSÕES compartilha com seus leitores um resumo deste livro. Algumas posições narradas não representam necessariamente o posicionamento doutrinário da igreja que publica este informativo. A rejeição da aplicação de anestésicos e a questão do hábito de bebidas alcoólicas, por exemplo, não têm respaldo bíblico. O linguajar da época foi preservado por uma questão de fidelidade histórica. Isto posto, vamos ao depoimento do Doutor M.L. Rossvally.

Charlie Coulson O Garoto do Tambor

DR. M. L. ROSSVALLY

Trabalhei como cirurgião do exército dos Estados Unidos durante a guerra civil. Após a batalha de Gettysburg, chegaram ao hospital vários soldados feridos, entre eles Charlie Coulson. Como ele era muito jovem para ser soldado, pois tinha 17 anos, alistou-se como tamborileiro. (tocador de tambor).

Após a batalha, Coulson chegou ao hospital com ferimentos graves, sendo necessário amputar-lhe um braço e uma perna. Quando os meus assistentes foram aplicar-lhe clorofórmio para a cirurgia, ele recusou-se e pediu para chamar-me. Ouvi dele o seguinte pedido: "Doutor, quando eu tinha nove anos, dei meu coração a Jesus e desde então venho aprendendo a confiar Nele. Como tenho nEle a minha força, sei que serei sustentado enquanto o senhor estiver amputando o meu braço e a minha perna."

Respeitei a coragem daquele jovem, expliquei-lhe como os procedimentos poderiam ser extremamente doloridos e sugeri então que ele tomasse um pouco de conhaque. Mais uma vez ele respondeu: "Doutor, quando eu tinha cinco anos, minha mãe se ajoelhou ao meu

lado e pediu a Jesus para que eu nunca bebesse um só gole de bebida alcoólica. Existe a possibilidade de eu morrer durante a cirurgia. Se isso acontecer, estou certo de que estarei na presença de Deus. O senhor acha que seria correto eu me apresentar diante Dele com bafo de conhaque?"



UM GAROTO E SEU TAMBOR —
FIGURA TÍPICA DA GUERRA
CIVIL AMERICANA



Naquela ocasião, eu detestava Jesus, mas admirei a lealdade daquele rapaz com o seu Salvador. Chamei o Capelão que conhecia bem o moço, pois este freqüentava os cultos de orações. Ouvi o Capelão dizer-lhe: "Charlie, sinto muito por vê-lo assim". Ao que Charlie respondeu ao Capelão: "Ah, estou muito bem, senhor. O doutor me ofereceu clorofórmio e conhaque, mas eu não aceitei, pois quero me apresentar ao meu Salvador em meu juízo perfeito".

"Talvez você não morra", disse o Capelão, "mas, se o Senhor o levar, você gostaria que eu fizesse alguma coisa?". "Capelão", respondeu o jovem, "escreva uma carta para minha mãe e lhe diga que tenho lido a Bíblia todos os dias, e que tenho orado sempre para que Jesus a abençoe." Depois, complementou: "Estou pronto doutor. Prometo que não vou nem gemer. Então, por favor, não me dê clorofórmio".

Garanti-lhe que não aplicaria a droga, mas, antes de pegar o bisturi, eu mesmo fui até uma saleta ao lado e tomei um gole de conhaque. Quando pequei a serra para cortar o osso, o rapaz colocou a ponta do travesseiro entre os dentes e sussurrou: "Ó Jesus, bendito sejas! Fica ao meu lado agora". E cumpriu o que prometera: não gemeu.

Eu não dormi naquela noite, pensando no rapaz. Pouco depois da meia noite, levantei-me e fui ao hospital. Assim que cheguei, um enfermeiro me disse: "Dezesseis soldados morreram". "E Charlie?", perguntei-lhe aflito. "Não. Ele dorme como um bebê". O enfermeiro, então, fez-me um relato das últimas horas: "Por volta das nove horas o Capelão leu trechos das Escrituras para ele. Depois, ambos cantaram hinos de louvor. Não consigo entender, doutor, como uma pessoa sentindo tanta dor ainda era capaz de cantar", completou o enfermeiro.

Passado cinco dias desde que fora operado, Charlie me chamou e disse: "É chegado a minha hora. Creio que não terei mais um dia de vida. Sei que o senhor é judeu e não crê em Jesus. Se não se importa, gostaria que ficasse ao meu lado e me visse morrer, confiando em meu Salvador".

Tentei ficar, mas não consegui, pois aquele rapaz se regozijava no amor daquele Jesus que eu tanto detestava.

Passado vinte minutos, o enfermeiro procurou-me no consultório e disse-me: "Doutor, Charlie está morrendo e gostaria de vê-lo novamente". Chegando ao quarto, Charlie pediu-me que segurasse a sua mão e me disse: "Doutor, amo o senhor porque é judeu. O melhor amigo que eu tive neste mundo foi um judeu". Perguntei-lhe quem era este amigo e ele replicou: "Jesus!". Fez uma pausa e prossegui: "E eu quero apresentá-Lo ao senhor antes de morrer". Nova pausa e ele completou: "Enquanto o senhor me amputava, orei a Jesus pedindo que manifestasse o Seu amor ao senhor".

Aquelas palavras tocaram fundo em meu coração. Doze minutos depois ele dormiu tranqüilo nos braços do seu Jesus.

Durante a guerra, morreram centenas de soldados, mas só compareci ao sepultamento de Charlie Coulson. As últimas palavras daquele rapaz me impressionaram muito. Naquela época eu já possuía muitos bens materiais, e teria dado todo meu dinheiro para crer em Jesus Cristo da mesma forma que aquele garoto cria. Contudo, a fé é algo que o dinheiro não compra.

Pouco tempo depois, esqueci as palavras que Charlie me dissera, mas nunca consegui esquecer o próprio Charlie. Durante dez anos, lutei contra Cristo com todo ódio que tinha por Ele. Até que afinal a oração de Charlie foi atendida. Um ano depois da minha



conversão, fui a uma reunião de orações no Brooklyn, onde as pessoas davam seus testemunhos. Depois que várias pessoas falaram, levantou-se uma senhora idosa e contou assim o seu testemunho: “Estou com os pulmões muito doentes e pouco tempo me resta. Vocês não têm idéia do prazer que sinto na certeza de que muito em breve me encontrarei com Jesus e com o meu filho!”. E ela continuou: “Meu filho foi ferido em uma batalha e ficou aos cuidados de um médico judeu que lhe amputou um braço e uma perna. Morreu cinco dias após a operação. O Capelão escreveu-me uma carta relatando o que ocorrera entre o meu filho e o médico em seus últimos momentos de vida”.

Ao ouvi-la, não me contive. Levantei-me e fui correndo até ela. Apertei-lhe a mão e disse-lhe: “Deus a abençoe, minha irmã! A oração do seu filho já foi atendida. Sou o médico judeu por quem Charlie orou. E o Salvador dele é agora o meu também. O amor de Jesus cativou a minha alma!”.

Jumenta de Balaão no Pan

REINALDO AZEVEDO

Para aqueles que estavam com saudades das Jumentas de Balaão, aí vai uma: O articulista Reinaldo Azevedo da revista VEJA, escreveu em seu BLOG: *“A abertura do Pan é pura macumba para turista”*.



Quem assistiu ao majestoso espetáculo sem os devidos filtros deveria estar atentos às observações do Reinaldo, a “jumenta” da hora. O Brasil, pelo que se apresentou na abertura, estava mais para um país africano que latino-americano. Um “legião” de mais de mil e duzentos batuqueiros invadiu o Estádio do Maracanã com roupas similares a algumas ritualísticas da umbanda. Uma hoste de efeminados executou coreografias inspiradas nas máximas do movimento Nova Era enquanto uma inexpressiva cantora chamada Ana Costa entoava o Hino do Pan.

O que para muitos passou despercebido, não escapou aos ouvidos da nossa “jumenta”. Reinaldo Azevedo escreveu: “Se alguém cantasse exaltando Nossa (sic) Senhora Aparecida, seria acusado de preconceito religioso, embora mais de 70% dos brasileiros sejam católicos. A letra do Hino do Pan, no entanto, exalta lemanjá”.

E eu complemento: Além de lemanjá, a música de Arnaldo Antunes e Liminha exalta diversos elementos do movimento místico Nova Era.

Vejam alguns trechos do enorme hino (mais de 50 repetitivos versos):

VIVA ESSA ENERGIA!

*No dia em que o céu beijou o mar
fazendo a cama pro sol deitar
a noite veio cobrindo devagar
com seu manto de luar*

*Ali foi gerado o novo dia
trazendo pra terra a energia
dando vida nova ao novo mundo
ao som do mar e à luz do céu profundo*

*Viva essa energia
todo mundo junto pra jogar
todo mundo junto pra pular
todo mundo junto agora pra vibrar
todo mundo junto como o céu e o mar*

*Branços de uma tribo anglo-saxã
Bárbaros ibéricos e filhos de tupã
Incas e astecas, ianomâmis e tupis
Comanches pataxós, apaches guaranis*

*Ketu e angola, jeje nagô e iorubá
Gente do oriente, filhos de Alah
Todos vieram à beira da praia pra saudar
o amor de Guaracy e Iemanjá*

*As matas no vento em movimento
onça, tucano, macaco e arara
circula a energia no ar todo dia
banhando a Baía de Guanabara*

*As ondas do mar quebrando na areia
ao ritmo swing do sangue na veia
De homens, mulheres, que vêm aos milhares
De tantos lugares, de tantas aldeias*

*Viva essa energia
todo mundo junto como o céu e o mar.*

.....
O articulista Reinaldo Azevedo
da revista VEJA, escreveu
em seu BLOG:
“A abertura do Pan é pura
macumba para turista”.



NOITE ESPECIAL DOS Enamorados

PRÓXIMO SÁBADO – A Mocidade realizará a tão esperada noite no DIA 21 de julho às 19 horas.

Nos DIAS 28 e 29 de JULHO realizaremos programações especiais em comemoração aos 23 ANOS de FUNDAÇÃO da Igreja Batista Fundamentalista Cristo é Vida.

Se Deus nos permitir, faremos dessas celebrações um marco para o nosso Projeto Missionário do Jubileu de Prata.



PROGRAMAÇÃO

DIA 27 (sexta-feira) - 19h: Culto de Oração e Ações de Graça

DIA 28 (sábado) - 19h: Abertura com o tema: "O Supremo Chamado de Jesus", Marcos 16:15.

DIA 29 (domingo)

8h: Café da Manhã e Testemunhos

18h: Culto Solene

NOTAS & NOTÍCIAS

LIGY & ALEXANDRE PAULO

Ocorreu ontem, na Mocidade, mais um chá de panela, mas agora os que sempre eram responsáveis pelas façanhas nesses eventos tornaram-se as vítimas. Depois da mensagem do Pr. Nogueira, com a presença dos familiares do casal, seguiu-se um momento de muita alegria e comunhão findando com um delicioso sorvete. Parabéns Ligy e Alexandre! Agora esperemos o que correrá de surpresa no – até que enfim, casamento, em outubro próximo.



AGENDA DE JULHO

DIA 22 (domingo)

EBD: Início do Curso de Introdução à Teologia II

DIAS 18 a 22

(quarta a domingo) EBJ: Escola Bíblica de Jovens

DIA 21 (próximo sábado)

Mocidade:

Noite dos Enamorados

DIAS 28 e 29

(sábado e domingo)

ANIVERSÁRIO DE 23 ANOS DA IBF CRISTO É VIDA!

INFORMISSÕES

IGREJA BATISTA FUNDAMENTALISTA CRISTO É VIDA

Av. K, nº 911 - Planalto da Barra - Fortaleza - CE - Telefone: (85) 3286.3330

Pr. Nogueira (8841.3710) - Pr. Joaquim (8712.6796) - Pr. Luiz (8875.9719)

Jornalista Resp.: Mariana Cadete - MTB-CE 01820-JP • Diaconia de TI & M

Boletim interno, semanal e gratuito • Tiragem: 450 cópias • www.cristoevida.com